Foto: MÁRIO NOVAIS

39

Foto: FERNANDO DE PONTE E SOUSA

SUMÁRIO

OBRA DAS MÃIS PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissáriado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BOLETIM MENSAL — ASSINATURA AO ANO, 12$00 — PREÇO AVULSO 1$00

Foto: FERNANDO DE PONTE E SOUSA

Esta palavra: Férias!

GOSTO imenso, nos ócios raros que me dá o dever, de me demorar *sôbre os compromissos e estatutos* das velhas corporações. Estou-me agora mesmo a recordar de uma "lei" (chamemos-lhe lei) da Corporação dos Pintores de Sena. Resa assim:

"Nenhuma obra, por pequenina que seja, pode ter começo e fim, se lhe faltarem estas três coisas: ***poder, saber*** *e* ***querer com amor.****"*

Vais entrar em férias, nestas férias de verão...

Dado que as tenhas merecido com um ano lectivo de trabalho esforçado e bem feito, ainda te fica fazeres dêstes meses de verão, meses cheios, tempo que conte na tua vida. E é obrigação.

Ouve aqui o poeta Claudel:

"Est-ce que le but de la vie est de vivre? Est-ce que les pieds des enfants de Dieu seront attachés à cette terre misérable?"

E continua: *"Não há viver, mas morrer,* **como** *o que vale não é construir a cruz mas subir a ela, e nela dar tudo a rir!*

E' nisto que está a alegria, a liberdade, a graça e a eterna juventude.

Comparado à vida — o que vale o mundo? E que vale a vida se não a damos?"

• • •

Esta palavra: — ***férias*** só assim tem significado e valor.

Lá vais!... Como regressarás ao cabo dêstes meses?!...

Fico a pensar que tens quinze... dezoito... vinte anos... Fico a pensar que o mundo é mau... péssimo...

... Que há muito pouco quem compreenda e ajude a mocidade a *viver*, sobretudo a viver *totalmente... intensamente*...

Fico a pensar no que foram já outras férias para tantas: — uma morte...

... tanta vida de rapariga cortada, ou caída, ou partida, nas férias, nestas férias de verão...

... tanta frescura de alma fanada; alegrias perdidas; graça e beleza e paz interiores, aos bocados, em farrapos, por aí além...

• • •

Se tu ***"quisesses com amor"***, farias destas férias 1942, um tempo para lembrar sempre. Se tu ***quisesses***...

Repara: *"com amor"*, que é como quem diz: apesar de tudo, contra tudo e contra todos — com entusiasmo.

A beleza e a grandeza do nosso trabalho, de todo e qualquer trabalho, está no *cuidado* com que o fazemos.

E o mérito está, sim, no interêsse cuidado que preside à obra, apesar dos riscos que se correm.

Têm riscos — perigos — as férias. Mas se tu *"quiseres" cuidar* de as fazer boas, grandes, os mesmos riscos se converterão em glória.

Quere dizer, podes e deves voltar melhor, tôda outra das tuas férias!

O poeta tem razão: *"o fim da vida não é viver"*... As férias são um meio, não são um fim.

Tem tanta razão o poeta: *"que vale a vida se não a damos"?*

G. A.

Colónia de Férias

Sintra: Em pleno campo

Sintra: Castelo dos Mouros

Sintra: Uma festa na Colónia

Parede: De manhã, nas lidas caseiras

Ressoa de novo, enfim, a mágica palavra: Férias!... Um passo mais, uma porta que se encerra, e eis-nos cá fora, de braços abertos e peito dilatado — inspiração gulosa de passarinho prêso que encontra a gaiola aberta.

E' um deslumbramento, um mundo novo em que vamos viver! Sentimo-nos libertas do pesadêlo dos exames, da atmosfera carregada das salas de estudo. Agora será vida ao ar livre, ao sol e ao vento:

«La nature renouvelle tout, refraîchit toute tête bien faite..........»

Iniciaremos nova época de trabalho em que tôdas as nossas faculdades serão interessadas. O trabalho retemperante, alegre e fecundo, em plena natureza. Porque ela

«....... ouvre des voies et suggère des aperçus qu'ignore l'abstraction.» (Sertillanges)

Colónias de Férias da M. P. F.! Uma realidade imediata que foi sonho dum ano inteiro...

E os nossos braços, alargados, avançam até quedarem de mãos unidas. — Geito de abraço à natureza que é tão bela, ou gesto de amor a Deus que assim a creou?

*

* *

Pois bem, amigas, cá vos esperamos com uma alegria igual à vossa, com um desejo de realização, pelo menos, tão forte como êsse que trazeis. É a vontade que comanda o sucesso, e nós estamos dispostas a trabalhar.

Uma vida sòlidamente higiénica há-de restituir-vos as fôrças, as côres, a agilidade de movimentos, num pujante borbulhar de seiva nova. Assistência médica, ginástica especializada, sàdios passeios pelos campos

logo de manhãzinha. Já o ano passado se cantava, com música das «Lavadeiras de Caneças»:

«Sete e meia, toca o sino
. . . . »

E, noutra melodia:

«Na Casa da Gandarinha tôda a gente come bem . . . . »

«Lembrais-vos, de certo, pertence-vos a autoria.

«Oh!, a pele queimada pelo sol da montanha, fustigada pela aragem fresca da manhã; o jôgo dos músculos no trepar daquelas rochas; os banhos de mar, o *tennis, o ring*, os patins, o bom repouso em horas de maior calma... como tudo isso vai reviver!...

Esfregam-se as mãos de contentamento, com maior coragem se devoram os últimos *catrapácios*.

Vá, que só tem prémio quem o merece...

Parede: Preparativos de festa

Bem pouco teríamos lucrado, porém, se por aqui ficassem os benefícios da nossa Colónia.

— E o muito que aprendemos em livros bem escolhidos, em conversas bem orientadas, em convivência do mais lhano trato, do mais sólido bom senso, do mais alto exemplo de sã moralidade?

É a razão que se forma, o coração que se excita, o espírito que se eleva, as más inclinações que se destroem — como, em Saint-Cyr, diria M.me de Maintenon. E isto sem práticas maçadoras ou enfáticos conselhos. Aproveitando os passeios, os jogos, os trabalhos caseiros, tal como fazia aquela que de si mesma dizia: «J'ai passion d'instruire». Hoje, poderemos acrescentar: *et passion d'acomplir la Loi...*

Fundaremos um jornal próprio, faremos sessões de estudo e havemos... sei lá, reservo-vos o direito de invenção...

Deus abençoará, de-certo, o esfôrço de tôdas. Ao regressardes a vossas casas, fortes, alegres, melhores, não soltareis o queixume daquele jovem, precocemente cansado da vida, que explica as razões do seu suicídio nestas *cândidas palavras:*

«Trop de boutons à boutonner et à déboutonner...»

Antes, como o poeta, cantareis a plenos pulmões:

«Eu amo, eu canto e eu creio
... E eu sou feliz sôbre a terra.»

Ilídia Adelaide Duarte Ribeiro

Parede: Danças de roda

Sintra: Penha Verde

V Salão Estético da MOCIDADE PORTUGUESA

MAIS uma vez a «Mocidade Portuguesa», feminina e masculina, expôs conjuntamente os seus trabalhos no salão da Sociedade Nacional de Belas Artes.

E assim, ao lado de aviões em miniatura, de trabalhos em ferro e madeira, de inúmeros desenhos assinados pelos rapazes, pudemos apreciar também os desenhos das nossas raparigas, os seus bordados e trabalhos de costura.

A colaboração das raparigas e dos rapazes enriquece a exposição e redobra-lhe o interêsse pela varied ıde.

Organizações similares, cada uma dá os seus frutos próprios; o salão estético demonstra bem o plano educativo a que obedece: nas raparigas, uma arte bem feminina, orientada para a familia e o lar; nos rapazes, a cultura cívica e desportiva.

Mas ambas as Organizações perfeitamente orientadas no amor de Deus e da Pátria.

Na secção da M. P. F. notaram-se êste ano, pela 1.ª vez, alguns trabalhos literários-artísticos das filiadas e numerosos cadernos de formação moral, ilustrados com desenhos feitos pelas Lusitas e Infantas.

Como sempre, destacavam-se pela sua beleza e perfeição as colchas da Escola de Bordados regionais da Mocidade Portuguesa Feminina de Castelo Branco; e foram muito apreciados também os trabalhos da Escola Industrial Machado de Castro.

E' difícil numerar os trabalhos dignos de serem distinguidos: são tanto aqueles que o mereciam!

Porisso deixamos êsse encargo ao Júri que há-de classificá-los para os prémios.

Fotos: MARTINEZ POZAL

Foto: FERNANDO DE PONTE E SOUSA

O JOGO DE TÉNIS

Convidado a escrever algumas linhas sôbre o jogo do Ténis para o "Boletim da Mocidade", acedo por se tratar de uma notícia de carácter instrutivo apenas, sem quaisquer pretensões literárias, para o que Deus me não fadou.

Esta notícia vem a propósito do desejo manifestado pelas Dirigentes da Mocidade Feminina de facilitar às suas filiadas a prática de um desporto que se me afigura de elevado alcance moral e higiénico, pois não conheço desporto mais equilibrado, mais interessante e mais útil para o sexo feminino.

Este jôgo que está hoje muito em voga, aqui, no Norte, entre o sexo forte, não tem despertado igual interesse às Senhoras e Raparigas portuenses.

São as Senhoras e Raparigas da Colónia Britânica que quási têm o exclusivo do jogo do Ténis na nossa cidade, a ajuizar pelas provas e torneios que há muito realizam no seu Clube do Campo Alegre.

Não é por falta de habilidade ou de disposição natural que as nossas conterrâneas deixam de cultivar o jogo do Ténis, pois deve haver ainda muita gente que se lembre das excelentes tenistas, pertencentes às primeiras famílias do Pôrto, que há uns trinta anos jogavam nos "courts" da Foz.

Dessa geração de aficionadas não houve infelizmente sucessão após a Guerra. Oxalá que o incentivo das dirigentes da Mocidade Feminina frutifique e desperte novos valores para que um tão útil e tão elegante desporto entre definitivamente nos hábitos femininos do nosso burgo.

Será o culto do "baton" e o receio de "despintar" as unhas o que afasta as raparigas do jôgo do Ténis?!...

Convém lembrar que é em Holywood, onde há as mais notórias academias de beleza, que se encontram algumas das maiores entusiastas dêste jôgo. Um grande número de "estrelas" são excelentes tenistas ou, pelo menos, grandes aficionadas, não só pelo prazer do jogo em si, mas ainda pela elegância e "souplesse" que êle dá a quem o cultiva.

O Ténis é um jogo elegante, não prejudica nem deforma. Muito pelo contrário: é um exercício de belas e elegantes atitudes, higiénico e agradável.

Esta palestra já vai longa, mas não quero terminá-la sem dizer que o jôgo do Ténis deve ser bem orientado desde o início para que se não contraiam defeitos mais tarde difíceis de corrigir.

Ainda que não esteja nas intenções das Dirigentes da Mocidade Feminina criar campeões, é necessário criar escola sem o que não haverá boas tenistas e não há razão para que assim aconteça, visto haver tão boa matéria prima para êstes e outros desportos, que são bem mais proveitosos e interessantes a meu vêr do que discutir modas e ondulações permanentes nas tão concorridas casas de chá.

Porto

Fernando Nicolau de Almeida

FÉRIAS

«Partir, c'est mourir em peu» — diz a canção.

Mas êste verso, que traduz o despegar doloroso de certos apartamentos, que parecem cortar-nos a vida, êste verso que sentimos orvalhado de lágrimas de saüdade, não tem aplicação nas partidas de férias.

Partir — para férias — não é morrer um pouco: é ir em busca da vida e da alegria.

A partida, para férias, não é uma desunião da família: é uma abalada alegre que nos une mais aos nossos. A separação das pessoas amigas também não custa, porque há dois modos de despedida: adeus, que é tão triste! — e até à volta, que é tão dôce!

A ausência, em tempo de férias, verdadeiramente não afasta, porque não chega a haver tempo de esquecer.

Vamos, pois, partir alegremente para férias!

As estudantes, contentes por fecharem os livros e deixá-los arrumados nas estantes, onde durante o ano lectivo pararam tão pouco!

As que já não estudam mas se ocupam noutros trabalhos, felizes por interromperem o seu labor, que chegado a esta altura se torna pesado pelo esgotamento dum ano de fadigas.

E até aquelas que não fazem nada (embora, essas, não mereçam o descanso e o prazer das férias) se sentem satisfeitas porque as férias trazem variedade à sua vida ociosa.

Julho. Férias!

Uma ânsia de liberdade faz-nos desejar o à-vontade da vida no campo. Parece que nas casas da cidade abafamos!

Mas, se assim é, não devemos mudar de terra para fazer uma vida sedentária. Durante as férias devemos viver o mais possível ao ar livre.

O cansaço que nos abate faz-nos sonhar com tranqüilas sestas à sombra das árvores ou largas horas estendidas sôbre a areia.

Mas, então não devemos estafar-nos ainda mais com excessos físicos, ou no rodopio da vida mundana. O que não quere dizer que o descanso higiénico seja completa inactividade. Não. Podemos passear, brincar, fazer desporto — com conta, pêso e medida. Tanto quanto o movimento e o exercício convenham para a nossa saúde. Seria estragar as nossas férias não as aproveitarmos para descansar: mas seria também desperdiçá-las não as utilizar para nos aperfeiçoarmos.

Como? Fazendo a parte de Deus mais larga, visto que podemos dispôr de mais tempo; aumentando a nossa cultura geral com boas leituras; e fazendo um bocadinho de bem por onde passarmos.

Não esqueçamos nunca que somos filiadas da M. P. F. Continuemos a usar o nosso emblema e que êle nos guarde de tudo quanto é indigno dêle.

Maria Joana Mendes Leal

Encerramento das actividades dos Centros da M. P. F.

Os centros da M. P. F. encerraram as suas actividades no principio de Junho.

Alguns, fecharam com festas que foram uma manifestação da vida intensa dos Centros e do genuino espirito da Mocidade *que os dirige.*

Festas de alegre camaradagem e de afirmação de principios, festas juvenis de esperança e elevação, estas festas de encerramento mereceram ao Comissariado Nacional o maior aplauso e é seu desejo que no próximo ano todos os Centros assim finalizem os seus trabalhos.

Foi-nos dado assistir à festa realizada no Centro n.º 16 (Colégio do Sagrado Coração de Maria, de Lisboa).

Essa festa poderia bem servir de modêlo para outras sessões de encerramento das actividades dos Centros da M. P. F.

Ao lado das alunas do Colégio, agrupavam-se, sem distinção, filiadas de Escolas secundárias, primárias e até duma instituïção de caridade que frequentam o Centro. Todas juntinhas, como irmãs.

Propaganda da M. P. F.

Ensino domestico: uma receita preciosa!

Numa só voz — que todas elas são "raparigas lusitanas„ — cantaram o hino da Mocidade Portuguesa Feminina.

Uma Instrutora leu palavras de cumprimentos à Comissária Nacional e à Delegada Provincial de Extremadura, ali presentes.

E contou como o Centro viveu e cresceu... (As fotografias que ilustram estas páginas completam o que ela nos disse e dão-nos entrada na intimidade dêste Centro).

Depois, algumas Lusitas receberam o seu emblema. Tão contentes como se recebessem uma grã-cruz! Nem sequer lhes faltou a acolade: *o beijo carinhoso da Comissária Nacional.*

Em seguida foi recitado e cantado o côro falado que publicamos.

Por fim, a Comissária Nacional disse algumas palavras e a festa acabou como começou — a cantar!

Festa simplezinha, mas encantadora, que deixou luz nas almas e alegria nos corações.

Mocidade, Luta e Canta!

Vozes — (em recitativo, harmonium acompanhando, em surdina):

"Mocidade, luta e canta!
"Caminha, vive em Esperança!
"Quando a Pátria se levanta,
"Também Deus com ela avança!

Graduada — Se queres erguer a alma
às alturas do Ideal
belo, nobre e santo,
que à tua vida dará

Lusita — alegria

Infanta — pureza

Vanguardista — elevação

Lusa — graça divina...

Vozes — "Mocidade, luta e canta!„

Grupo — Filiadas: pelo nobre Ideal
da Mocidade Portuguesa Feminina

Filiadas — **Lutar! Cantar!**

(Entoam o canto "*Mocidade, Avante„)*

Vozes — (em recitativo, harmonium acompanhando sempre, em surdina):

Mocidade, diante de ti,
Abre clareiras de Infinito...
Toma o coração nas mãos
— a refulgir candura e bondade! —
E levarás, após de ti,
Pelos ásperos caminhos da vida,
almas perdidas nas trevas...

Fotos: MARTINEZ POZAL

Lusitas e Infantas na aula de trabalhos manuais

Graduada — ao rasto da tua claridade, muitos encontrarão o rumo
que conduz da Terra ao Céu:

Filiadas — **a Lei de Deus, a luz da fé!!**

Vozes — «Caminha, vive em Esperança»,
ó Mocidade, sorriso de Portugal!

Grupo — Por Deus — Pátria — Família...

Uma ligadura feita com jeito e caridade...

Vanguardistas e Lusas, na aula de 1.as socorros

Filiadas — **A caminho, vivendo em Esperança!!**

(A rematar, cantam, com entusiasmo):

MOCIDADE, AVANTE

Letra do P.e Moreira das Neves
Música de Armando Leça

"Somos a hoste escolhida
"Para a vitória final,
"Portugal da nossa vida,
"Confia em nós, Portugal!

Já passou a hora incerta,
E' de fogo o nosso instante.
Mocidade, alerta! alerta!
Mocidade, avante! avante!

foto: HUGO DEPREZ

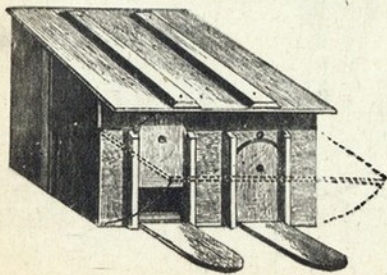
OS POMBOS

OS pombos que se podem ter em liberdade são os que nos interessam. As raças pouco vulgares apesar de lindas, algumas, não são as indicadas para as nossas circunstâncias actuais. Ter um pombal no campo é fácil, na cidade não o é tanto, mas mesmo assim não é dificil ter alguns pombos aos quais se dê de comer uma vez por dia.

Existem raças bastante sedentárias que se afastam pouco dos pombais e que se podem alujar fàcilmente em caixotes arranjados para êsse fim nas trapeiras das casas ou noutro local adequado. O dificil nas quintas é evitar que vão em bando às cearas e eiras, mas tirando sempre dos ninhos um certo número de borrachos para consumo, evita-se que se reproduzam de mais e que causem percas à lavoura. E' preciso ter as suas habitações limpas porque um dos males que mais atormentam os pombos são os insectos que se desenvolvem com grande facilidade naquele meio propicio. Sendo grandes os pombais, a sua limpeza é produtiva pois que o «guano» que de lá se tira é considerado um fertilizador de primeira qualidade que se utiliza ou vende bem. — Devem-se caiar as paredes interiores e sendo necessário desinfectar os ninhos com pós de Keating ou qualquer outro pó do mesmo género.

As pombas põem dois ou três ovos e chocam em seguida com muita paciência a sua futura prole. Os borrachinhos quando nascem e mesmo um tempo depois são horriveis, não têm penas, só uma penugem feia, e estão sempre anciosos que os pais cheguem para serem alimentados. Na idade de um mês já podem ser separados dos pais e criados com milho, trigo e outros cereais, que se devem primeiro amolecer em água. Mas isto só em casos especiais porque o mais natural é deixá-los seguir a lei normal da natureza e irem procurando a pouco e pouco o seu alimento. Deve-se sempre ter para seu recreio e... asseio, um laguinho ou taça em pedra ou barro onde possam beber e banhar-se. Que bonito é ver as pombas a beber à beira do lago e a mirarem desconfiados na água a sua própria imagem! E que interessante e que bonito ver também, em Maio, as pombas à procura de palhas, pausinhos e fôlhas que levam, no bico, cuidadosamente para fazer os seus ninhos. Os pombos são casados só com uma pomba e ajudam-nas com muito zêlo e às vezes ciúme na construção do seu lar. Mesmo que tenham ninho artificial nos pombais têm que o guarnecer e afoufar para os seus futuros filhos. Mas quando o não têm então quanto mais complicada se torna a sua tarefa... Lembra-me que, há tempos, estando eu no campo, mal abria de manhã a janela pousava logo no peitoril uma pombinha branca, com qualquer folhinha no bico e olhava tranqüilamente com a cabeça à banda para ver se lhe seria permitido eleger domicilio ali. Mas como não era possivel desistiu do seu intento e fui encontrá-la dias depois tranqüilamente instalada na coroa aberta, em alto relêvo, que ensimava as armas de Portugal, no portão da casa.

Lá a deixámos. Quando o pombo, vindo de longe, poisava, de asas abertas ainda, num dos seus florões, o efeito era bem heráldico, pois lembrava os pássaros nortenhos das armas da Alemanha, Austria e Rússia. Sòmente nesse recanto de Portugal a corôa ampla dos nossos Reis abrigava, não uma ave de rapina mas a familia inteira da pacifica pomba.

Francisca de Assis

TRABALHOS DE MÃOS

ALMOFADA DE APLICAÇÃO

A almofada, cujo desenho reproduzimos, foi feita por uma Infanta de 11 anos. É um trabalho fácil que fica muito bonito. O desenho é original, da Escola Industrial Machado de Castro. A saia da pastora é encarnada; o chapéu amarelo claro; a cara côr de rosa; os olhos azues; a boca encarnada; as orelhas amarelo claro; a ovelha beige; o cajado castanho com o laço côr de rosa; a relva verde; as flores azul vivo com o centro encarnado ou amarelo e as folhas verdes. A flor da cercadura (Fig. 1). Tem o caule encarnado e as pétalas côr de rosa. O recorte em volta da almofada é encarnado, côr de rosa. Dimensões: 45 cm × 60 cm.

PAGINA DAS LUSITAS

TAGARELICES DA SR.ª MARIA

— Vamos, meninos, toca a sentar. É hoje temos a história dum homenzarrão! Esse é que foi quem mais brado deu no seu tempo! Mesmo em todos os tempos os dois portuguezes que maior nomeada deram à nossa rica terra foram: Luiz de Camões e...

— Vasco da Gama! — gritou José Manuel.

— Desse já nós sabemos muitas coisas — observou Maria Domingas com ar importante.

— Não julgue a menina que sabe tanto como isso — disse Maria Joana.

— Ora — tornou a snr.ª Maria — o rei D. João II, um dos maiores reis da nossa História (e a quem até se chamou o Principe Perfeito), tinha morrido no ano 1495; e, como os meninos se hão-de lembrar, já em vida dêle se pensava num sonho lindo: na descoberta do caminho para a India por mar! No tempo de D. João II tinha ido à procura dêsse caminho o Bartolomeu Dias, *lembram-se?*

— Sim! Sim! — disseram muitas vozes

— Mas êsse só dobrou o Cabo das Tormentas; que ficou desde então a chamar-se...

— Cabo da Boa Esperança — disse Ana Rita.

— E olhem que se o valente Bartolomeu não foi mais adeante, a culpa não foi dêle: a marinhagem é que o não deixou seguir — continuou a snr.ª Maria — Como os meninos sabem, o rei que se seguiu a D. João II foi D. Manuel I o Venturoso. Tratou êsse rei de mandar aparelhar umas naus melhores que as do Bartolomeu Dias, e tôdas perfeitas, com as suas velas de cruz encarnada! D. Manuel chamou então um fidalgo que tinha o nome de Vasco da Gama *e entregou-lhe o comando todo daquela expedição. A nau principal, onde ia o próprio Gama, era a* S. Gabriel; *na segunda,* S. Rafael, *ia* Paulo da Gama *e as outras duas chamavam-se* S. Miguel *e* Berrio.

— A princípio levaram o caminho do Bartolomeu Dias — observou José Manuel.

— Vocês sabem tanto! e para mim tudo são novidades! — suspirou Alicinha, desconsolada.

— Se deres atenção, ficas sabendo — consolou-a Maria Helena, com um beijo.

— Mas voltado o Cabo da Bôa Esperança — tornou a velhota — começaram a seguir por mares desconhecidos de todo. O que êles passaram, louvado seja Deus! Chegaram a uma terra chamada Mombaça *onde uns mouros, fingindo-se amigos, se atiraram aos portugueses como umas feras, os malvados! Mas não era assim sempre, felizmente; nalguns sitios arribavam onde os pobres pretos os acolhiam com respeito e admiração.*

Mais duma vez a marinhagem tentou revoltar-se, mas a energia de Vasco da Gama impunha-se sempre! Numa das vezes, enquanto êles se erguiam, furiosos, contra êle, Vasco da Gama pegou nos instrumentos de navegação, deitou-os ao mar e gritou:

— Agora aqui só Deus é pilôto! e todos se sujeitaram à fôrça de vontade do seu comandante. Mas sofriam tanto, coitados! As tormentas que pareciam virar as naus; a terrivel doença chamada escorbuto que os atacava e matava! Muitos, pobres deles, sentiam um grande desânimo e estavam convencidos que nem chegariam à India nem voltariam a Portugal...

— Essa viagem não devia ter sido agradável — murmurou Vera, franzindo o nariz.

— Não se tratava duma viagem de recreio! Ia-se em serviço da Pátria! — retorquiu José Manuel.

— Diz o menino muito bem — tornou, gravemente, a Snrª Maria — Vasco da Gama nunca desanimou: a Fé no seu coração, a coragem na sua alma, a energia no seu espirito, tratava de animar a marinhagem. Um dia, ai meninos, que alegria não sentiram eles todos, coitadinhos!

— O que foi? — preguntou Maria Domingas.

— A menina agora já não diz que sabe tudo — observou Maria Joana a rir.

— Sôbe um dos homens ao alto dum mastro e vê ao longe, muito ao longe...

— Terra! — gritou José Manuel.

— Terra, sim! e todos se abraçavam a chorar de alegria! Era a India, meninos! era a linda cidade de Calecut *que ali se estendia ao longe!*

— Que interessante é a nossa História! — disse Maria Helena.

— Então, chegaram-se a terra a tôda a pressa.

Vasco da Gama dirigiu-se ao Samorim, *que era o rei daquelas paragens e contou-lhe donde vinha, quem eram os portuguêses...*

— O Samorim recebeu-o bem? — preguntou Maria Joana.

— Pois! Até mandou riquissimos presentes ao rei de Portugal: e se não fôsse a intrigalhada medônha que por lá moveram certos mouros não teria havido as turras que por lá houve!

— E quando voltaram para Portugal outra vez?

— A volta foi mais fácil, como se compreende: pois se já conheciam o caminho! Mas houve grandes desgostos também: o irmão do Gama...

— O que comandava a nau S. Rafael — informou José Manuel.

— ...morreu, pobre dele, e com o tal escorbuto! O que é certo, meus meninos, é que a descoberta do caminho para a India deu brado em todo o mundo! É hoje, ainda, quando lá fora se fala em Portugal logo acode ao pensar de todos o nome do maior navegador de todos os tempos:

— Vasco da Gama! — gritaram todos, com entusiasmo.

DEUS NÃO DORME

Neste momento, parou um automóvel ali perto e, debaixo duma chuva torrencial, correram duas senhoras e um homem abrigar-se na cabana.

UMA SENHORA — Ainda bem que achámos êste abrigo!

OUTRA SENHORA *(chamando)* — Oh Guilherme, corre, senão ficas encharcado de todo!

D. ERMELINDA *(baixo a Maria da Luz)* — Chama-se Guilherme, Luzita!

MARIA DA LUZ *(olhando o sujeito com atenção)* — Não me parece o meu...

O SUJEITO — Minhas senhoras, muito boas tardes!

MARIA DA LUZ *(de si para si)* — Êste tem óculos pretos...

MARIA AMELIA — Estás a falar sòzinha, Luz?

Abrandara a trovoada e parava, pouco a pouco, a chuva. Agora todos saiam da cabana e aspiravam com gôsto o ar purissimo, delicioso, impregnado do perfume da terra molhada e das plantas.

UMA SENHORA — Não é prudente, ainda, metermo-nos a caminho: vem além uma nuvem tão negra!

D. AUGUSTA — Como é cedo, escusamos de nos arriscar.

D. ERMELINDA — Poderiamos apresentar-nos uns aos outros, não acham? Minha irmã e eu somos Augusta e Ermelinda Cabral, de Lisboa.

O SUJEITO *(cumprimentando amavelmente)* — Guilherme de Almeida e Sousa, juiz em Trancoso.

D. AUGUSTA — E tem propriedades nesta linda região?

MARIA DA LUZ — Castanheiros?

DR. ALMEIDA E SOUSA *(rindo)* — Tenho sim, minha menina: já vejo que gosta de castanhas! E a menina como se chama? (a D. Ermelinda). E' sua sobrinha, minha senhora?

D. ERMELINDA *(hesitante)* — E' e não é...

DR. ALMEIDA *(admirado)* — Como é isso?

D. AUGUSTA *(intervindo)* — E' muito simples: trata-nos por *tias*, embora não o sejamos realmente.

MARIA DA LUZ *(beijando D. Augusta)* — E eu adoro estas queridas tiasinhas!

DR. ALMEIDA *(pensativo)* — Também eu tenho uma sobrinha de quem muito gosto: mas não a vejo há tantos anos!

MARIA DA LUZ *(correndo para êle)* — Parece-se comigo a sua sobrinha?

DR. ALMEIDA *(observando-a)* — Sim, talvez... No entanto era um tipo diferente. A minha sobrinha (e também se chamava Maria da Luz, isso é que tem graça!) tinha o cabelo louro muito liso e corredio; e o da menina é quási preto e todo encaracolado. A minha pequena era um verdadeiro *alfenim*, coitadinha, muito magrinha e enfezada: e esta Maria da Luz (dirigindo-se a D. Augusta) está forte e alta que é um gôsto. Já veem que...

D. ERMELINDA *(desconsolada)* — Sim, não devem parecer-se nada...

DR. ALMEIDA — A minha sobrinha deve ter quatorze anos.

MARIA DA LUZ — Também eu!

D. AUGUSTA — E, se não é indiscrição preguntar, porque é que V. Ex.ª deixou de a ver?

por Maria Paula de Azevedo

DR. ALMEIDA *(sombrio)* — Coisas tristes da vida, minha senhora...

D. ERMELINDA — Todos teem os seus segrêdos...

MARIA AMÉLIA *(chamando)* — Maria da Luz! Maria da Luz!

(Maria da Luz correu a ter com ela).

UMA SENHORA — Oh Guilherme, não serão horas de descermos a serra?

A OUTRA SENHORA — Era bom não chegarmos muito tarde a Manteigas.

DR. ALMEIDA E SOUSA — Minhas senhoras, se algum dia quiserem descançar em Trancoso lá as acolheremos, minha irmã e eu, com muito prazer!

E separaram-se os dois grupos com grandes cumprimentos e expansões.

Nessa noite, já recolhidas no seu quarto, as senhoras Cabrais falavam daquele encontro.

D. ERMELINDA — Oh Augusta, olha que eu estive quási a convencer-me que o juiz era o tio da Luzita!

D. AUGUSTA *(pensativa)* — Também eu... Mas se a outra era loira e a Luzita tão morena?? Se a outra tinha o cabelo liso...

D. ERMELINDA — Pois é...

D. AUGUSTA — E se êste fôsse o tio da Luz, como não o reconheceria a pequena?

D. ERMELINDA — Era tão pequena... E êste com os óculos pretos, já muito careca...

CAPÍTULO V

Maria da Luz voltara para o seu querido colégio, e estava gosando agora as férias da Páscoa, quando chegou para ela, dirigida às senhoras Cabrais, uma mala vinda do Brasil.

MARIA DA LUZ *(batendo as palmas)* — O que será?! O que será? E quem me manda esta mala?!!

D. AUGUSTA *(admirada)* — Olha que não faço ideia nenhuma, filha!

D. ERMELINDA *(cortando os cordeis)* — Nós temos família no Brasil: mas não é para nós a mala, é para ti, Luzita! E vem a chave também!

MARIA DA LUZ — Até me bate o coração, Tiasinhas!

Cortados os cordeis, quebrados os lacres, Maria da Luz abriu a mala com cuidado...

D. ERMELINDA — Oh que lindíssimo vestido!

D. AUGUSTA — Que roupa fina e de luxo!

MARIA DA LUZ *(radiante)* — E meias! E lenços! E rendas!

Era um nunca acabar de coisas elegantes, de bom gôsto, encantadoras, para uma rapariga de 15 anos, como tinha Maria da Luz!

D. AUGUSTA — Mas quem te mandará estas prendas?

D. ERMELINDA — Pessoa que sabe que ela vive connosco...

MARIA DA LUZ *(grave e pensativa)* — Meu pai...

D. AUGUSTA — Mas se teu pai vive e sabe onde tu vives porque não vem ver-te ou, pelo menos, não te escreve??

No fundo da mala, porém, ainda havia livros interessantes, uma malinha de forma elegantíssima, uma «écharpe»...

MARIA DA LUZ *(comovida)* — Eu queria era poder agradecer tanta coisa esplêndida!

D. ERMELINDA *(gritando)* — Uma carta, Luz! Aqui no fundo, debaixo da malinha!

Maria da Luz precipitou-se para o largo sobrescrito, onde uma mão firme traçara o seu nome...

É encostada às boas senhoras, que a acarinhavam ternamente, leu:

«Minha filha adorada!

«Só hoje, passados quatro anos, venho «dizer-te que fui salvo do horrível torpe«deamento que ia fazendo de ti, coitadi«nha, uma órfã.

«Não foi fácil o meu salvamento; e «devo-o sobretudo à coragem dum mari«nheiro que me trouxe aos ombros, na«d ndo durante horas até ser acolhido «num barco de pesca! Um dia te contarei «isto tudo de viva voz. Estive num hospi«tal brasileiro durante meses entre a «vida e a morte... Quiz Deus que eu me «salvasse e que a memória me voltasse! Sempre com o pensamento em ti, minha adorada filhinha, meti-me ao trabalho para poder, um dia, levar-te uma fortuna.»

MARIA DA LUZ *(chorando)* — Querido Paisinho...

D. AUGUSTA *(ameigando-a)* — Anda lê, minha joia.

MARIA DA LUZ *(lendo)*.

— «Consegui saber, depois de muito «tempo, os nomes dos sobreviventes do «torpedeamento; e, assim, tive a certeza «de que tu, minha filha, fôras acolhida «por essas santas senhoras a quem chamas tias.»

D. ERMELINDA — E êle sabe tudo, que extraordinário!

MARIA DA LUZ *(continuando)* —

«Terás encontrado alguém da nossa «família? Terás visto o teu tio Guilherme «que nunca me perdoára o não lhe entre«gar a tua adorável pessoasinha quando «a tua mãe morreu? Quem sabe?... Den«tro de alguns meses devo deixar o Brasil: «acaba o meu contrato de engenheiro com «esta casa. E então, minha adorada filha, «tornar-nos-emos a ver; e, então, poderei «mostrar a essas santas senhoras tôda a «minha gratidão pela maneira como te «teem educado! Beijo-lhes as mãos até «que chegue êsse dia feliz; e remeto um «cheque de dez contos de reis para com«pensar um pouco as despezas da tua educação.»

D. AUGUSTA *(limpando os olhos)* — Que alma delicada...

D. ERMELINDA *(pensativa)* — O caso do tio Guilherme é que me faz uma certa confusão...

MARIA DA LUZ — Estou certa que é o da Serra da Estrela!

D. ERMELINDA — Mas o teu cabelo, filhinha?

D. AUGUSTA — Olha lá, Luz, tu não disseste que tiveste um tifo?

MARIA DA LUZ — Tive uma febre medonha e fiquei careca de todo!

D. AUGUSTA *(com fôrça)* — Pois o Dr. Almeida de Trancoso não é senão o teu tio Guilherme!

MARIA DA LUZ — Vou escrever ao Paizinho a preguntar.

D. ERMELINDA *(desconsolada)* — Para onde, rica? Não tem morada a carta dele!

MARIA DA LUZ *(desapontada)* — E' verdade! Que pena...

CAPITLO VI

Começou, então, para Maria da Luz uma vida bem mais alegre do que fôra até ali. A certeza de que seu pai ainda era dêste mundo, as provas que tivera do seu interêsse, da sua ternura, e a ideia da

Era um nunca acabar de coisas elegantes...

sua próxima chegada, tudo isto enchia de felicidade a sua alma de criança.

Estudava com um entusiasmo que encantava as boas mestras; e cada vez mais se mostrava carinhosa e grata para com as senhoras Cabrais. Num dos primeiros dias da semana da Páscoa, Maria da Luz desenhava, perto de D. Ermelinda, no quarto de estudo alegre e soalheiro.

D. ERMELINDA *(bordando)* — Já reparaste na beleza do dia de hoje, joia?

MARIA DA LUZ, *(satisfeita)* — Já reparei, sim, Tiasinha! O céu está dum azul que encanta! E as árvores além, a cobrirem-se de rebentos, que lindas!

D. ERMELINDA — Há pessoas que são indiferentes às belezas da natureza! Nunca pude compreende-las. (Ouve-se assobiar um melro ali perto).

MARIA DA LUZ — Que frescura de canto tem êste melro!

D. AUGUSTA, *(entrando com uma carta)* — Luzita: veiu do correio esta cartinha para ti, mas olha que não é do teu Pae.

MARIA DA LUZ *(admirada)* — De quem será? (Abre a carta). Não conheço a letra. Vou ler, Tia Augusta, dá licença?

D. AUGUSTA *(pondo os oculos)* — Ora pois, menina. Também estou curiosa, confesso. *(lendo)*

MARIA DA LUZ *(batendo as palmas e rindo)* — Ai, Tiasinha, isto é que é engraçado a valer!

D. ERMELINDA, *(curiosa)* — Que é, minha filha?

D. AUGUSTA *(lendo)* — Oh menina, olha que isto, a falar a verdade!

MARIA DA LUZ *(saltando pelo quarto)* — O Tio Guilherme! O Tio Guilherme! O meu rico Tio Guilherme!

D. ERMELINDA *(meio zangada)* — Então nada me explicam a mim?!

D. AUGUSTA *(dando-lhe a carta)* — Anda lê, filha, olhem que é bem certo o ditado — Deus não dorme!

MARIA DA LUZ — Como tudo agora se explica, Tiasinha! A febre tifoide que eu tive fez-me cair o cabelo todo; era liso e nasceu encaracolado...

(Continua)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

As férias

Falta pouco, muito pouco tempo, para começarem as férias. Mais alguns dias, e acabarão os nossos trabalhos, acabará mais um ano de estudos e de esforços, de alegrias e de tristezas.

Suspender-se-ão, também, as aulas da Mocidade, essas aulas em que nós aprendemos tanta coisa útil, desde a culinária e economia doméstica, até à higiene, onde nos ensinam os primeiros cuidados de socorros a feridos. Temos também aulas de francês prático, de lavores e de moral. As senhoras dirigentes brincam connosco, ensinam-nos amigàvelmente, aconselham-nos como superiores, mas principalmente como amigas.

Agora, com a chegada das férias, acabam essas aulas, de que todas as filiadas gostam tanto. Separamo-nos; talvez nunca mais vejamos algumas, deixaremos de ver por muito tempo outras das nossas colegas que durante um ano inteiro compartilharam das nossas alegrias e desgostos, que tantas vezes brincaram connosco e a que estamos ligadas por tantos laços de amizade. Algumas passam aqui as férias e fazemos antecipadamente grandes planos para êsse tempo. Havemos de brincar muito, organizaremos passeios e jogos, mas também estudaremos, pois, a-pesar-de serem férias, os livros são bons amigos, são os nossos melhores amigos.

Aproveitaremos as férias para passarmos os dias ao ar livre, ao sol, a fazer provisão de ar puro e de alegria, a deliciarmos os olhos ou nas belas paisagens esmaltadas de Flores, ou nos altaneiros rochedos que, afrontando o mar, fazem as ondas desfazerem-se em espuma tão etérea e branca que parece renda.

Férias! Alegria! Como nós agradecemos a Deus as belas paisagens, o céu azul, o mar, as flores!

Maria Margarida Carmo Tengarrinha

Filiada n.º 37.018 — Vanguardista — Ala 3 — Portimão

A nossa "Mocidade"

Aproximam-se as férias, o que vejo com grande mágoa, pois ficando privada das actividades da M. P. F., sinto entristecer-me, visto a esta Instituïção dedicar um grande afecto, pois que na M. P. F., além de formarmos o nosso desenvolvimento físico, também nos desenvolvemos moralmente e assim nos preparamos para que no futuro possamos ser boas esposas e boas Mãis.

Na nossa terra, em que a M. P. F. é tão bem dirigida, nós, além do que aprendemos para que saibamos os deveres que pertence a tôda a mulher, temos também jogos que muito alegram as raparigas. No campo, nestes dias de sol, que só no Algarve se encontram com êste céu tão lindo, e as árvores floridas, mais parecem os passarinhos a chilrearem nos ramos em dias de primavera. Pena é que nem tôda a gente compreende o que a M. P. F. tem de nobre e belo. Temos também, todos os domingos, Missa para as filiadas, e, é vê-las, desde as mais pequeninas às mais velhas, unidas pela mesma fé e pelo mesmo ideal, pedindo a Deus que nos cubra com as suas bençãos e que não nos desampare, fortifique cada vez mais a nossa fé e nos ajude a salvar as almas que O não conhecem.

E pedimos, também, por tantas raparigas que, esquecendo-O, seguem as vãs doutrinas do modernismo, que elas julgam ser as melhores.

Ai, como elas se enganam!... Não, raparigas portuguesas, não penseis assim, não sigais atrás de falsos preconceitos. A mulher não se julga só porque se arranja bem. Ela precisa de ser cumpridora dos seus deveres, precisa ser forte de corpo e espírito.

Lembrai-vos da máxima de Juvenal — *mens sana in corpore sano.* — Eis o que na M. P. F. nós aprendemos: a reunir num corpo são uma alma sã.

Maria de Lourdes Barbudo Clemente

Filiada n.º 37.033 — Lusa — Centro n.º 1 — Ala 3 — Portimão

CAMPISMO

Que lindo o dia do nosso 2.º acampamento. Parece que Deus quiz compensar-nos do dia chuvoso que tivemos, quando da inauguração do nosso programa de campismo, dando-nos um dia cheio de sol, que encheu as nossas almas de santa alegria e nos fez bemdizer baixinho Aquele Senhor que tudo pode e pensar com mais ternura na nossa querida Mocidade.

Assim, tôdas unidas neste pensamento, lutando contra nós mesmas, arrancando-nos ao nosso egoísmo, às nossas vaidades, viveremos bem o nosso Ideal!

Querida Mocidade, como tu nos dás coragem, como a tua ambição é nobre! Queria que não anoitecesse, para que o sol que nesse dia brilhava mais intensamente, aquecendo-nos os corpos, penetrasse bem dentro das nossas almas enchendo-as da sêde de servir, do heroísmo, da alegria de viver.

...Mas chegou a hora e tivemos de partir! Oh! relógios, porque não parastes para assim nos iludir! Mas êles continuavam a trabalhar, dando-nos o exemplo do cumprimento do dever e procurando chamar-nos à realidade. A vida não é uma festa permanente! Tudo tem a sua hora!

E lá partimos, contentes, estrada fora, colhendo flores aqui e além, os nossos olhos diziam felicidade, os nossos corações rezavam baixinho, pedindo a Deus nos tornasse dignas, para bem cumprir a nossa missão. Este dia pode ser contado? Sim! não foi em vão que o vivemos. Deixamos para trás os pensamentos mesquinhos e maus, as nossas comodidades, e demos um passo no caminho da renúncia e da simplicidade. Nós queremos viver intensamente! Nós queremos imitar as grandes almas! «O que falta ao mundo é um bando de heróis misturado com alguns santos». Somos nós, as raparigas da Mocidade, que tentaremos suprir essa falta! Somos nós que, sob a bênção de Deus, olhos no Ideal, lutaremos sempre, até nos conquistarmos para a verdadeira Felicidade.

Fogo

(Foto Martinez Pozal)

Campismo. Na Quinta dos Milagres na Charneca